



## A SENSIBILIDADE É COLETIVA

*Sofia da Silva Mazon\**

Quarta-feira é meu segundo dia útil preferido, ficando atrás, obviamente, das sextas-feiras, quando há tempo para tomar cerveja e não pensar no dia de amanhã. As quartas-feiras chegam em segundo lugar porque não tenho estágio e eu posso finalmente trabalhar para mim e não para os outros.

Nesse dia era quarta-feira.

Como de costume, tenho reunião do PET (coisa que ninguém sabe do que se trata, mas eu gosto muito) e depois o grupo de estudos. O grupo de estudos é a válvula de escape que a acadêmica encontrou para falar desembestadamente sobre sua pesquisa sem se sentir um fardo, coisa que ela não deixa de ser. E foi isso que fizemos. O tema deste ano é biocolonialismo: não há nada que eleve mais a autoestima da estudante do que criticar a própria academia ao invés de suas produções, levando isso em conta, o nível de desembestamento foi admirável. Diversas considerações precisam ser feitas: o modo de olhar a produção de conhecimento deve mudar, as populações indígenas devem deixar de ser objeto e passar a ser sujeito de pesquisa, precisamos trazer olhares do sul para o assunto.

Aviso que, ao final dessa crônica, nada disso deixa de ser verdade.

Fato é que depois do grupo de estudos eu ainda preciso voltar pra casa, mesmo hoje tendo o privilégio de ir de carro, ainda me considero uma acadêmica longínqua. A volta para casa envolve filas em diversos pontos, conversas, notícias no rádio e o semáforo.

**\*Graduanda da 5ª fase curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Programa de Educação Tutorial PET Direito UFSC. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5053341205871710>. E-mail: [sofiadasilvamazon@gmail.com](mailto:sofiadasilvamazon@gmail.com).**

**Justificativa:** A crônica dialoga com o vão entre o que é debatido dentro da academia e a realidade em que vivemos, que muitas vezes é ignorada no cotidiano daqueles que frequentam a Universidade. O texto se desenrola a partir de um dia em que a autora percebeu que muito se discute sobre a questão indígena dentro das salas de aula e, no entanto, famílias indígenas que vendem artesanato ou exercem outras atividades são sistematicamente negligenciadas. A partir disso, a obra discute as formas pelo qual a vida cotidiana nos dessensibiliza, atentando para a necessidade de não deixar que determinadas causas sejam invisibilizadas. O principal objetivo desta crônica é evidenciar a importância de construir um Direito que vai além da Lei escrita e se efetiva na garantia dos direitos fundamentais para todos os grupos da sociedade.



Semáforo esse onde fica uma família indígena, que todos os dias me oferece artesanato e todos os dias ouve um não: há anos não ando com dinheiro físico.

Ao longo de sua trajetória, existem momentos em que a universitária, seja pelo álcool, pela ocorrência inconveniente ou mesmo pelos acontecimentos da vida, acorda de seu sono teórico, de suas referências e debates acadêmicos, do seu trabalho de TCC e observa a vida ao seu redor, aquela vida que se materializa enquanto ela teoriza.

Esse foi um desses momentos.

Olhando para a família indígena, cuja população eu tanto debato no meu meio acadêmico e no dia a dia ignoro, comecei a pensar quando eu perdi minha sensibilidade. Quando parei de acreditar que eu poderia mudar vidas? Quando parei de ouvir as histórias daqueles que vendem nas ruas? Quando parei de sentir revolta com a situação precária que a população indígena dispõe para exercer seu comércio?

A resposta não veio.

Pensei em várias possibilidades, minha sensibilidade pode ter me escapado pela porta do ônibus quando eu sentava na escada e ouvia a famosa poesia acústica de quem trabalha como artista de rua, que há anos não suporto. Ou talvez ela se escondeu na garrafa de cerveja que eu tomava quando fui abordada pela milésima vez por algum comerciante de “doces mágicos”, e eu tive que interromper minha conversa novamente. Ainda pensei que poderia ter sido quando eu voltava correndo para o TICEN e ainda assim alguém vinha me perguntar: “Posso falar com você um minuto”.

Não moço, não pode, eu tenho pressa.

Nesses momentos de reflexão, quando ninguém está olhando, ou comentando seu post na internet, a universitária, no caso eu, ainda procura formas de se defender. Quem tirou minha sensibilidade foi a cidade, a brutalidade da vida cotidiana, o capitalismo. Eu não perderia minha sensibilidade se voltar para casa de ônibus não fosse tão cansativo, se o transporte público funcionasse, se eu pudesse ir sentada, se eu não estivesse tão cansada da semana na sexta-feira, se eu não tivesse tanta pressa.

Mas ela mesma sabe que não é bem assim. Afinal a indignação, o ativismo, de todo, não sumiram. Ainda lhe traz revolta um post capacitista no Instagram, uma notícia cruel sobre estupro, a inflação semanal e o número de famílias brasileiras no mapa da fome. Qual a diferença entre essas situações e aquelas?



Talvez a principal seja que ninguém está me olhando quando eu estou no ônibus e ninguém me julga por não ter dinheiro para brigadeiro mágico, essas coisas são caras hoje em dia. Por outro lado, para aquilo que todo mundo está olhando, a notícia absurda da semana, eu também olho, não posso deixar de absorver os sentimentos do coletivo.

Mas onde está o coletivo no nosso cotidiano? Onde está o coletivo de quem está tentando não passar fome diariamente? Por que algumas causas geram mais indignação do que outras?

Novamente, nenhuma resposta.

A universitária, com toda a sua experiência até agora, conclui positivamente, dizendo que o papel do estudante e do militante é lutar eternamente contra a normalização da violência e o apagamento das causas que não viralizam na internet. Entender que é parte do problema e sempre será, mas que pode se tornar também parte da solução. E não se desanimar com a sua pesquisa, como dito anteriormente, tudo permanece sendo verdade. Mas fica a questão que sempre paira ao final de um artigo:

Será que a conclusão foi boa o suficiente?